

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Máximo Purificação. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-718-5 DOI 10.22533/at.ed.185191710</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro *Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*, tem por objetivo alargar o diálogo entre pesquisadores e difundir trabalhos desenvolvidos nessas áreas do conhecimento.

Uma obra constituída de 29 artigos, de autores e instituições de diferentes regiões do país que abordam temas diversos e perpassam com maestria importantes discussões das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesse sentido, este livro está organizado em duas seções. A primeira composta por 15 artigos que versam sobre as Ciências Humanas estabelecendo liames com temas como: arte, didática, ensino, formação de professores, política educacionais, evasão escolar, fracasso escolar, entre outros.

A segunda seção composta por 14 artigos, estabelece uma relação dialógica com temas interdisciplinares discutidos a partir da lupa das Ciências Sociais Aplicadas e das condições humanas na perspectiva social, a saber: instituições sociais, organizações, inclusão social, desenvolvimento sustentável, bem-estar, tecnologias, dentre outros.

Nos artigos desta coletânea, o leitor poderá identificar que os autores lançam diferentes olhares sobre temas que são amplamente discutidos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, numa linguagem acessível, deixando perceber o gosto e o valor da atitude de pesquisar.

Esperamos que a aproximação das temáticas dos artigos com os contextos sociais e com as relações do cotidiano, possa inspirar você leitor/a à reflexão, no intuito de compreender seus contextos, (inter)agir sobre os mesmos.

Uma excelente leitura!

Marcelo Máximo Purificação

## SUMÁRIO

### PARTE I – CIÊNCIAS HUMANAS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ARTE NÃO TRADUZ O VISÍVEL, MAS TORNA VISÍVEL	
Aline do Carmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A DIDÁTICA DESENVOLVIDA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, CONTRIBUI PARA A QUALIFICAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS	
Leandro Moreira Maciel Maria Laura Brenner de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR PARA ALUNOS EM TRATAMENTO INTENSIVO	
Julia Pereira Luciane Madeira Motta Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONFLITOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	
Manfred Toninger Andreia Cristiane Silva Wiezzel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS COM A LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO	
Ana Carolina Batista Gisele Kühn Haddad João Derli de Souza Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
ESTUDO SOBRE ERGONOMIA APLICADA AO DESIGN DE VESTUÁRIO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE SENSORIAL	
Raysa Ruschel Soares Lívia Accioly Menezes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917106</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA ESCOLA JOSÉ PIO DE SANTANA IPAMERI GOIÁS (2016)	
Maira Aparecida Brandão de Freitas Marilena Julimar Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	
Débora da Costa Pereira Fábio André Hahn Marcos Clair Bovo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: CULTURA VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Amanda de Jesus Oliveira Santos Xavier Luciana Nogueira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>106</b>
O SUJEITO E O OBJETO DO FRACASSO ESCOLAR: CULPA DE MUITOS, RESPONSABILIDADE DE POUCOS	
Débora Nogueira de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O TRATAMENTO DADO PELAS ESCOLAS AOS ALUNOS ORIUNDOS DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS	
Camila Aparecida Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DA LÍNGUA INGLESA E DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Albene Cássia Dantas Gama Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DE UM CARTAZ DO VESTIBULAR DA UEG: A QUESTÃO DO SENTIDO	
Jorge Lucas Marcelo dos Santos Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
UTILIZAÇÃO DE MATERIAL MANIPULÁVEL NO ENSINO DE PRISMAS RETOS	
Nayara Borges de Oliveira Corrêa	
Rosemeire Terezinha da Silva	
Robson Lopes Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES QUE SE ABREM NO ATO DE EDUCAR COM A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIAS ATIVAS	
Lucimara Glap	
Luiz Edemir Taborda	
Luana Eveline Tramontin	
Sani de Carvalho Rutz da Silva	
Antonio Carlos Frasson	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171015</b>	
<b>PARTE II – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
A GRAMÁTICA EMOCIONAL DO ENVELHECIMENTO E AS DISPOSIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Angela Elizabeth Ferreira de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NA MELHORA DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA COM CÂNCER	
Daniele Taina de Melo França	
Luís Sérgio Sardinha	
Valdir de Aquino Lemos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
A IMPORTÂNCIA DO BIG DATA NAS ORGANIZAÇÕES	
Yasmin Teles Dos Santos	
Elisabete Tomomi Kowata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
A OBSERVAÇÃO RELACIONAL COMO TÉCNICA DE PESQUISA SOCIAL	
Nildo Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
AS CONCEPÇÕES DE ALMA EM AVICENA E O QUE SE SUCEDE DO “EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR”	
Jonathan Alvarenga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171020</b>	



<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>230</b>
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM HANSENÍASE E PERCEPÇÕES DE SEUS FAMILIARES	
Luana Nepomuceno Gondim Costa Lima Carina Cavalcanti Nogueira Lopez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171021</b>	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>239</b>
DIREITO E ARTE: A PERFORMANCE <i>RHYTHM 0</i> DE MARINA ABRAMOVIC E O PRINCÍPIO DA INDISPONIBILIDADE DA VIDA	
Yohana Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171022</b>	
<b>CAPÍTULO 23 .....</b>	<b>251</b>
INTERFACES ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E TURISMO SOCIAL – O CASO DO FESTIVAL ROTA DOS SABORES EM CORONEL FABRICIANO (MG)	
Betinna Almeida de Tassis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171023</b>	
<b>CAPÍTULO 24 .....</b>	<b>258</b>
LEMBRANÇAS DE DONA ZITA: UMA PESQUISA DE HISTÓRIA DE VIDA	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171024</b>	
<b>CAPÍTULO 25 .....</b>	<b>270</b>
MEMÓRIAS DOS ADULTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS RIO GENIPAÚBA ABAETETUBA PARÁ: MOTIVOS QUE CULMINARAM PARA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS NO PASSADO E PERSPECTIVAS DE RETORNO NO PRESENTE	
Thiago Maciel Vilhena Raiane Ribeiro Cardoso Francilene Farias Valente Ana Marcia Gonzaga Rocha Marlea de Nazaré Sobrinho Costa Holdamir Martins Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171025</b>	
<b>CAPÍTULO 26 .....</b>	<b>283</b>
O CONCEITO DE IDEOLOGIA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	
Abigail Ferreira Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171026</b>	
<b>CAPÍTULO 27 .....</b>	<b>291</b>
O USO DA ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS EM DISSERTAÇÕES DA ENFERMAGEM	
Cristiane Lopes Amarijo Aline Belletti Figueira Alex Sandra Ávila Minasi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171027</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>299</b>
PROJETAR PARA O BEM-ESTAR: BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS BENS MATERIAIS	
Maria Carolina Frohlich Fillmann Ulisses Filemon Leite Caetano Jéssica Collet	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171028</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO DE ARTESANATO NA INTERNET	
Nicole Rochele Cardoso Brancher	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171029</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>330</b>

## A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONFLITOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

**Manfred Toninger**

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita  
Filho/Unesp

Graduado em Pedagogia

Presidente Prudente - São Paulo

**Andreia Cristiane Silva Wiezzel**

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita  
Filho/Unesp

Docente do Departamento de Educação, área de  
Psicologia

Presidente Prudente - São Paulo

**RESUMO:** Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, emergiu no contexto das atividades desenvolvidas no projeto "Brinquedoteca hospitalar", onde eram desenvolvidas atividades lúdicas diversas com as crianças, entre elas a música. A pesquisa, de cunho qualitativo e de tipo estudo de caso, teve por objetivo investigar a viabilidade da utilização da música cantada na identificação e intervenção em conflitos emocionais de crianças hospitalizadas. Utilizou-se, como instrumentos de coleta de dados, entrevistas informais com as crianças e acompanhantes e músicas cantadas, com o auxílio de violão. Os sujeitos foram duas crianças, entre nove e dez anos, e os encontros ocorreram em seus próprios leitos, na ala de pediatria de um hospital público do interior de

São Paulo. Tanto a estruturação técnica da intervenção como a análise de dados foram realizados com base nos preceitos das teorias de Safran e Winnicott. Os resultados obtidos foram positivos, indicando a possibilidade da utilização da música na identificação e intervenção em conflitos emocionais das crianças participantes, minimizando o sofrimento emocional decorrente da doença e/ou hospitalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música, conflitos emocionais, crianças hospitalizadas.

### MUSIC AS AN INSTRUMENT FOR IDENTIFICATION AND INTERVENTION IN EMOTIONAL CONFLICTS OF HOSPITALIZED CHILDREN

**ABSTRACT:** This research, funded by the São Paulo Research Support Foundation, emerged in the context of the activities developed in the project "Hospital Brinquedoteca", where diverse play activities were developed with children, among them music. The qualitative and case study research aimed to investigate the feasibility of the use of sung music in the identification and intervention in emotional conflicts of hospitalized children. As an instrument for data collection, informal interviews with children and accompanying persons and singing songs were used with the help of a guitar. The subjects were two children, between nine and ten years old, and the meetings occurred in their own beds, in

the pediatric ward of a public hospital in the interior of São Paulo. Both the technical structuring of the intervention and the data analysis were performed based on the precepts of the theories of Safra and Winnicott. The results were positive, indicating the possibility of music use in identifying and intervening in the emotional conflicts of the participating children, minimizing the emotional suffering resulting from the illness and / or hospitalization.

**KEYWORDS:** Music, emotional conflicts, hospitalized children.

## 1 | INTRODUÇÃO

A origem da música é tão remota quanto a própria cultura humana. Autores como Stevenson (1979) e Fregtman (1989) defendem que ela possa ser até mais antiga, afirmando que os animais, principalmente as aves, são a gênese das melodias e das formas musicais. No início utilizavam-se pauzinhos e ossos de animais mortos para serem percutidos, soprados ou raspados. Mais tarde, o homem descobriu os metais e percebeu sua sonoridade, criando sinos e carrilhões, porém, foi na Idade Média que se desenvolveram as primeiras teorias e regras que delinham a atividade musical.

Nos últimos séculos, com o advento das novas ciências, houve a preocupação em se estudar a música. Ela foi desconstruída, analisou-se o som e suas características, as classes de sons e os limites da audição, chegando, finalmente, aos estudos dos efeitos dos sons e da música sobre a mente humana.

Zampronha (2002, p. 20) aponta que “A música é um recurso pelo qual, mediante simbolismos aparentemente inocentes, se expressa nosso eu, e esse modo peculiar de organizar experiências, atende a diferentes aspectos do desenvolvimento humano”. A autora afirma que a música atua diretamente sobre quem está exposto a ela e se relaciona com suas emoções e gama de percepções. Assim, é possível criar um envolvimento emocional do sujeito com a música, em que ele possa transformar ou transpor sentimentos em relação a si mesmo, outras pessoas ou até mesmo objetos. Sobre esse aspecto, Howard (1984, p. 49) aponta: “A música possibilita a faculdade de observar os nossos sentimentos, de transformá-los, de eliminá-los se for preciso, ou de fazê-los nascer novamente”.

Ao mesmo tempo em o homem possui necessidade de se expressar, ele tem medo, ou por temer represálias, ou por se sentir ameaçado, ou mesmo por vergonha. Nesta perspectiva é importante a criação de campos em que possa se expressar ou mesmo elaborar sentimentos de maneira tranquila e a música se apresenta como uma possibilidade ampla e poderosa neste quesito.

Existem várias formas para se criar um campo de expressão e a lúdica é a mais mobilizadora, devido seu potencial de envolver pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade. A música, sob a característica de brincadeira, consegue envolver várias pessoas, sejam adultas ou crianças, interagindo com e entre elas, permitindo uma relação amistosa, harmoniosa. Além disso, a qualquer momento e em qualquer

lugar, pode-se cantar e não há a necessidade de se ter instrumentos musicais sempre à disposição.

## 2 | POSSIBILIDADES DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO CONTEXTO HOSPITALAR

Em um ambiente no qual ocorrem sentimentos conflitantes, de tipo persecutório e angústias, a música pode atuar em diversas funções, com os mais variados resultados. Um hospital, apesar de ser um local, por excelência, de saúde e cura, é também um local gerador de angústias, de sentimentos de frustração, de dor e medo. Sob o ponto de vista da criança, sobretudo as mais pequenas, elas ainda não têm a noção de que os procedimentos médicos visam à sua melhora. Muito provavelmente, cria fantasias assustadoras em sua mente, o que a pode levar a ter dificuldades de relacionamento com os profissionais e até mesmo com seus familiares, uma vez que estes a levaram para aquele espaço. Diante disso, necessário se torna trabalhar os sentimentos da criança, pois, caso contrário, eles podem trazer prejuízos de ordem e grau variados, incluindo interferência no próprio processo de cura.

Nesse cenário, em dado momento, depara-se com a criança cantando, inocentemente, uma música qualquer. Se prestar-se mais atenção, verificar-se-á que está cantando “Atirei o pau no gato!” Olhando do ponto de vista do senso comum, conclui-se que ela está apenas se distraindo, cantando uma canção que, à primeira vista, lhe veio à mente. Porém, saindo-se desse plano comum e se observando um pouco mais, a primeira indagação é a seguinte: “Por que justamente essa música? Analisando-se mais atentamente, perceber-se-á que a letra desta música – *“Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu, Dona Chica admirou-se do berro que o gato deu”* – contém elementos transferenciais, ou seja, a criança transfere um sentimento que possivelmente possui em relação ao profissional (médico, enfermeiro), por exemplo, para a situação vivenciada na música: *“Atirei um pau no gato (médico/enfermeiro), mas o gato (médico/enfermeiro), não morreu”*. Esse seria um exemplo de situação descrita por Winnicott (1965), quando afirma que a brincadeira permite que a criança exprima seus impulsos coléricos de forma a não sofrer o as consequências de seus atos, não se sentindo ameaçada por um revide qualquer.

Na situação descrita acima, a canção teve a função de criar o campo para exteriorização dos sentimentos reprimidos pela criança em relação ao médico ou enfermeiro, possibilitando-lhe uma forma de alívio, já que pôde se expressar, sem se expor ou se sentir ameaçada. Ao mesmo tempo, a música atuou como um elemento de harmonia no ambiente hospitalar, deixando, de certa maneira, as pessoas envolvidas mais tranquilas com relação a toda a situação de internação.

Fregtman (1989, p. 141-2) compreende que o cantar:

[...] por se tratar de uma forma de expressão conhecida e que não exige um compromisso direto de exteriorização de conflitos próprios, é a que se torna mais

fácil para o paciente. O entoar canções permite a fruição do prazer de uma ação compartilhada por todos, criando-se um clima de alegria e despreocupação importante para a integração e para a coesão grupal.

Apesar do potencial terapêutico da música, ela tem sido pouco explorada em um contexto em que o bem estar dos pacientes é de suma importância para que padeçam menos e que a tão almejada cura aconteça.

### 3 | DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Na busca de se encontrar novos meios ou outras formas de auxílio no tratamento de pacientes, afim de torná-lo mais eficaz e mais rápido, Safra (2005) acreditou que uma das soluções estaria na consulta terapêutica, de inspiração winnicottiana, específica a certos casos e situações, pela qual, com no máximo três encontros, buscava-se trabalhar com a angústia emergente das crianças.

O autor enfatiza que o profissional envolvido nessa situação, é um participante ativo e não um mero observador. Por isso, ele deve se colocar à disposição da criança para ser usado para expressar as suas angústias, necessidades e descobrir a si mesma. Essa experiência tem, para Safra (2005), um valor terapêutico, pois a criança, quando tenta comunicar suas angústias a alguém, consegue superar dissociações de seu *self*.

Basicamente, o modelo de terapia apresentado por Safra (2005) consiste em verbalizar o problema enfrentado pela criança e, a proposta de cura - também verbal -, se dá por meio de uma história, criada pelo terapeuta e pelos pais, que contenha o conflito básico da criança e suas possíveis soluções. Além disso, utiliza o Jogo de Rabiscos, no qual há uma interação entre criança e terapeuta, por meio da elaboração de um desenho a partir de rabiscos, feitos por ambos, que se completam até formar uma figura. Winnicott (1984) descreve que, neste modelo de terapia, a interpretação é mínima, ou seja, ela em si não é terapêutica, mas facilita aquilo que é terapêutico – o retorno à memória da criança de experiências assustadoras. A essência da terapia consiste em ajudar a criança a descobrir o que já havia nela mesma.

Nesse sentido, por meio de adaptação às técnicas de Safra (2005) a pesquisa teve como propósito encontrar uma forma de se realizar uma intervenção junto a crianças hospitalizadas, de forma a beneficiar seus estados emocionais, que podem estar abalados por conta da experiência da doença e da modificação da rotina. Para isso, esta pesquisa qualitativa, de tipo estudo de caso, teve por objetivo investigar, especificamente, a viabilidade da música como instrumento de detecção e de intervenção em os conflitos emocionais de crianças hospitalizadas.

A pesquisa foi realizada na ala de pediatria de um Hospital Estadual de um município do interior de São Paulo. Os sujeitos foram duas crianças, entre nove e dez anos. A escolha dessas crianças se deu pelo período de internação (acima de dois dias) e pelo fato de, teoricamente, já terem condições mais objetivas de representação

simbólica. O trabalho iniciou a partir de uma conversa com a criança e familiares, norteadas por um roteiro. A utilização da conversa, ao invés de entrevista formal, se mostrou mais adequada ao contexto, não ativando resistência posterior das crianças em realizarem a atividade lúdica, a ser proposta na sequência. Ademais, a ideia de lúdico não combina com a de questionários e todas as informações realmente importantes para a investigação surgiriam naturalmente no decorrer dos encontros. Ao mesmo tempo foram analisadas quais as canções, dentre o repertório infantil, que poderiam ser utilizadas para a etapa de identificação de conflitos emocionais e para a intervenção sobre estes. As canções foram selecionadas a partir das letras e da repercussão que poderiam causar na criança, sob o ponto de vista da psicanálise.

Os dados levantados por meio de conversas com a criança e família, bem como as canções escolhidas pela primeira para que fossem tocadas pelo pesquisador, foram analisados com o respaldo das teorias de Winnicott (1965, 1984) e Safra (2005), considerando-se, ainda, as reações da criança após os encontros com o pesquisador.

Por questão de espaço, será apresentado, neste trabalho, apenas o caso de João (nome fictício), sendo importante ressaltar que resultados positivos foram obtidos junto às duas crianças participantes da pesquisa.

#### **4 | A DINÂMICA DOS ENCONTROS COM A CRIANÇA**

Várias visitas ocorreram ao hospital até que foi encontrada uma criança com idade adequada e em condições físicas de participar para a pesquisa. O encontro inicial funcionou da seguinte forma: o pesquisador se apresentou ao acompanhante da criança, explicou o tema da pesquisa e, uma vez autorizado, recolheu a assinatura deste no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A seguir, explicou o trabalho e convidou a criança a participar de uma atividade musical. Com o aceite da criança, o pesquisador arrumou o material – violão e índice a ser entregue à criança – e sentou-se em um banco que estava disponível no quarto. Iniciou a atividade solicitando que a criança falasse sobre si, como nome, idade, motivo pelo qual estava internada e o tempo de internação. Passado esse momento, ofereceu à criança o índice e pediu para que escolhesse uma canção, que seria tocada pelo pesquisador. Após a conclusão da música, repetia todo o procedimento.

No total, foram realizados três encontros e, em cada um (com a duração aproximada de 40 minutos), pelo menos quatro músicas eram tocadas. Procurou-se não direcionar nada, na expectativa de se levantar material por meio da interpretação posterior dos títulos, das letras das canções escolhidas e algumas expressões ou comentários que a criança e/ou acompanhante faziam ao longo das canções. A partir do material que surgiu das interpretações realizadas acerca dos dados do primeiro encontro, foi possível identificar o conflito emocional básico que afligia a criança, passando-se à segunda etapa da pesquisa, que consistia em trabalhar com as canções de modo a intervir positivamente sobre o referido conflito, sem invadir o

paciente e/ou o acompanhante.

Na segunda visita com a criança, a intervenção foi iniciada a partir de um jogo (inspirado nas consultas terapêuticas). O jogo funcionou assim: o paciente falava algo sobre si e escolhia uma canção. O pesquisador tocava a canção para a criança. Em seguida, o pesquisador falava algo sobre si, também escolhendo uma canção e tocando-a. Como o pesquisador seguia a temática proposta pelo paciente, criou-se um campo favorável à confiança e à aproximação, facilitando a comunicação - processos fundamentais para que a intervenção se realizasse.

Nesse jogo, há uma aproximação com o método de Safra (2005), quando sugere a criação de uma história (os pais em conjunto com o terapeuta), contendo a essência do conflito apresentado pela criança, auxiliando-a a percebê-lo e refletir sobre ele. Tal reflexão pode trazer à tona alguns sentimentos que estejam reprimidos pela criança, ao mesmo tempo em que as canções escolhidas favorecem a expressão de sentimentos que ainda estão sob algum mecanismo repressivo – vergonha, medo etc.

#### 4.1 Os encontros com João: uma síntese

Ao chegar ao Hospital fui informado pelos atendentes que havia um menino de 9 anos, internado há dois dias. Ele passou por uma cirurgia para correção do canal de sua uretra (Hipospádia) no dia anterior à minha visita. Dirigi-me até seu quarto e ele estava sendo medicado por um dos enfermeiros, estava nu da cintura para baixo, com seu pênis exposto, com claras evidências da cirurgia. O garoto não parecia se incomodar com aquela situação.

João estava assistindo a um programa na TV junto com sua mãe, que não saía de perto dele. Solicitei à mãe para que assinasse o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido e, quando lhe entreguei o documento, o menino mostrou um dos brinquedos que estavam a seu lado: um jacaré de tecido verde. Em seguida me mostrou outros brinquedos, começando por um ursinho de pelúcia, vestido de bombeiro, na cor amarela. O menino me contou, todo orgulhoso, que seu pai é bombeiro e que viajou, ano passado, para uma competição internacional entre bombeiros.

Entreguei-lhe o índice com as músicas e ele escolheu, respectivamente, “O Cravo e a Rosa” (que retrata uma briga entre um cravo e uma rosa) e “Peixe Vivo” (que aborda a questão de um peixe que perde o contato com a água). Na primeira canção fica clara a questão do sentimento negativo do garoto com relação à mãe. Nos versos da canção “Peixe Vivo”, – *Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria? Como poderei viver sem a tua companhia?* –, há uma declaração explícita do medo de perda. Nesse caso, o menino estava com medo da perda do pênis e, com ela, a perda do amor da mãe. A situação acima descrita, a respeito de aparentemente não se incomodar em estar deitado nu, com seu membro exposto para todos, inclusive e principalmente para a mãe, demonstrava sua preocupação em se certificar e mostrar que seu pênis ainda estava lá. Este é um tipo de fantasia muito comum em crianças,



que, por sua vez, produz muita angústia.

Terminadas as canções, pedi novamente que falasse sobre si, e ele respondeu que gostava muito de brincar de esconde-esconde. Nesse instante, o garoto pediu a canção “Fui Morar Numa Casinha”. Comecei a cantar a última estrofe e pedi para que ele imitasse a bruxinha (risada escandalosa), ao que ele afirmou: “Não sei como ela faz!”, ficando um pouco encabulado. Ele teve vergonha de imitar, também, a lagartixa (colocar a língua para fora e fazer barulho com ela) mas não a teve quando era para imitar a princesinha jogando beijos.

Percebeu-se, neste contexto, a dualidade de sentimentos do garoto com relação à mãe: ora representada como a princesinha e ora como bruxinha. O fato de encontrar dificuldade em desempenhar papéis femininos nesse momento da interação, indica uma trava, trazida pelo medo de castração. Na sequência, ele pediu para eu cantar “Minhoca” (que trata de um beijo roubado) e “Seu Lobato”, aproveitei esta última canção, por se tratar de imitação de animais de fazenda, para inserir os de João. Antes de cantar, perguntei a ele quais animais de estimação ele tinha em casa e ele respondeu: “Um cachorro, um peixinho e pintinhos!”. Começamos a cantar imitando o cachorrinho, depois, os peixinhos, ao que fiz uma imitação de beijos; ele não se sentiu capaz de fazê-lo. Continuei a tocar o violão e perguntei qual outro animal de estimação ele gostaria de ter em casa. Ele ficou pensando por algum tempo e disse: “Jacaré!”. Nesse instante estabeleci relação com brinquedo que me mostrara na primeira visita, evidenciando, mais uma vez, a questão do medo da castração.

Ele pediu, em seguida, a canção “Os Sentidos”. Esta canção tem em sua última estrofe o verso “*E os bracinhos bem compridos pra mamãe eu abraçar*”. Não tenho certeza se a mãe percebera este verso na primeira vez, mas, quando eu repeti a canção – talvez pelo fato de eu ter mencionado que a melodia era a mesma da canção “Terezinha de Jesus” – ela prestou mais atenção e fez um comentário, ao final: “Que linda, né, filho?” E os dois sorriram, olhando-se. O garoto pediu para que eu cantasse a canção “Terezinha de Jesus”, que ele não conhecia.

O menino, após as músicas, resolveu contar piadas, meio encabulado. A primeira não foi possível compreender bem, pelo tom muito baixo de voz. Não tive tempo para pedir que ele repetisse, pois já estava começando a segunda, que envolvia um índio e um padre:

O padre perguntava para o índio: índio, onde está sua cueca? O índio responde: não sei, padre. Eu a perdi! Disse o padre: Então eu vou te dar uma de madeira. No dia seguinte, novamente pergunta o padre: Índio, onde está tua cueca? E o índio responde: não sei, padre. Eu a perdi! E o padre disse: Então eu vou te dar uma de ferro. No terceiro dia, o padre novamente pergunta ao índio: Índio, onde está tua cueca? E o índio responde não sei, padre. Eu a perdi! O padre: Mas, como? E o índio: Índio fraco, cueca forte. Índio peida, cueca explode! – e o garoto cai na gargalhada.

Perguntei, curioso, onde ele ouvira esta piada e ele disse que sua prima lhe

ensinara. Sua mãe também estava um pouco encabulada, porém, continuava rindo. O garoto, quando o conheci, demonstrou ser bastante desinibido, esperto e falante. Entretanto, em vários momentos, sua fala ficava enfraquecida, sobretudo quando a mãe era representada pela música ou diretamente na fala. Talvez seja por vergonha da mãe, por ter um desejo muito forte de tê-la sempre por perto. Ao mesmo tempo tem medo de perdê-la por causa desse sentimento e, em contrapartida, perder o amor do pai por causa desta traição. Inseri este comentário da traição devido à música que o menino sugeriu ao final do segundo encontro: “A Lua Traiu” (música da banda Calipso).

Quanto à piada, ele estava sem cueca por causa da cirurgia. Provavelmente foi uma expressão daquilo que o aflige, numa tentativa de elaborar algum sentimento relacionado às várias cirurgias por que passou e que ainda vai passar: “Se eu colocar uma cueca de outro material, ninguém a tirará”; “Mesmo com cueca de ferro alguém a tirará, pois outras cirurgias ainda virão”. Ainda pode significar que, apesar da cueca de ferro (os curativos, que não pode tirar), ele não permitirá qualquer restrição à sua sexualidade. Há, ainda, um ponto a ser considerado: ele estava ligado à uma sonda. Na piada há um verso com a palavra explode e este pode ser referência ao medo do garoto se machucar devido às reações de seu organismo, ou seja, medo de explodir a sonda (ou o pênis) ao soltar gases: “Índio peida, cueca explode!”

Após a piada, ele pede a canção: “Quem não tem defeito?” A escolha da música sugere consolo, uma aceitação de que tem um problema, mas que isso é normal, afinal, quem não tem defeito? Este é um primeiro sinal de elaboração, no qual o sentimento de onipotência cede lugar à percepção de seus medos, e uma defesa o conforta.

A mãe se interessa, neste momento, pelo bloco de músicas que não está na lista, mas em folhas separadas, contendo as músicas “adultas”. Ela folheia e descobre a música: “É preciso saber viver”, mas diz: “Não lembro como é!” Eu cantarei o refrão rapidamente e ela se lembra. O título destacado mas “esquecido” por ela, demonstrou a existência de um conflito que a perturbava fortemente, mas que ela reprimia para não demonstrá-lo (o sofrimento com a situação de internação do filho). Ela continua o jogo da novidade que seu filho iniciara, apontando uma canção que apenas pude ver de longe: “Quando a tristeza”. Ela a mostrou a folha ao menino, dizendo “Essa, com certeza, não vai conhecer também!” Não pediram para eu cantar.

De repente, o menino encontrou a canção “Aquarela” (Toquinho), gritando: “Essa eu sei!” Essa música é muito bonita, lúdica e alto astral. Poucos perceberão o sentido de morte que encerra e provavelmente não fará sentido, nem inconscientemente, para a própria criança. A mãe também encontra uma música que conhece, “Acorda pra vida”, certificando-se, comigo, se era uma canção “Onde muitos cantores participam?” e eu respondi afirmativamente. A mãe estava se comunicando com o filho e comigo, dentro do jogo criado pelo menino. Ela deve ter percebido o desapontamento demonstrado pelo garoto em diversos momentos do jogo e quis se justificar ou mostrar que ele

estava errado em seus pensamentos. Sugeriu, então, que cantássemos as duas, “Aquarela” e em seguida, “Acorda pra Vida”. Ambos se deram por satisfeitos.

Esse campo foi importante para a exteriorização dos sentimentos reprimidos do garoto, que pôde, de maneira disfarçada, expressar, inconscientemente os conflitos que o perturbava. O jogo musical, desta forma, permitiu a ele expor seus sentimentos ambivalentes pela mãe (WINNICOTT, 2005) sem que corresse o perigo de retaliação por parte desta e de perder o seu amor; também pôde fazer referência ao medo da perda do amor do pai, que ele tanto admirava, devido ao seu amor pela mãe. Ao longo do processo, ele pôde entrar em contato com esse material, refletir sobre ele, verbalizá-lo. Uma vez reconhecido o problema, abre-se o caminho para o processo de elaboração, e foi o que ele conseguiu fazer em certos momentos, pedindo canções que se referiam a essa situação (“O Cravo e a rosa”, “Peixe vivo”, “Fui morar numa casinha”, “Os sentidos”). A elaboração não foi possível apenas ao filho, mas também à mãe, quando encontrou canções que lhe chamaram muito a atenção (“É preciso saber viver”, “Quando a tristeza” e “Acorda pra vida”). Por meio delas foi-lhe possível expressar, tanto si mesma como para o filho, o quanto também estava sendo difícil, para ela, toda aquela situação (e, possivelmente, outras mais).

Ao chegar ao hospital, para nosso segundo encontro, João estava saindo do quarto com sua mãe para beber água, enquanto a equipe de limpeza estava higienizando seu quarto. Estava caminhando com certa dificuldade, com sondas e aparatos para soro e injeções presas em uma das pernas e uma das mãos, com muito esparadrapo. Ele me cumprimentou, demonstrando estar mais disposto do que no dia anterior. No mesmo quarto estava uma menina, internada há vinte e cinco dias com pneumonia e problemas com retenção de líquido em um dos pulmões. Ela havia passado por uma cirurgia para colocar uma sonda e estava deitada, sem poder sair.

Quando começamos a cantar, João queria que a menina participasse, mas falei que gostaria de realizar a atividade com um de cada vez, começando por ele. Ambos concordaram, ela demonstrando muita curiosidade pelo que estava acontecendo. João começou falando de si, idade, endereço, de seu cachorro preguiçoso e medroso; pediu a canção “A Janelinha”. Após tocá-la perguntei se ele a conhecia e ele respondeu: “Escolhi para saber como que é!”. Pedi para que falasse mais e ele falou que parecia um trava-lingua e que também achou legal porque tanto a janelinha, quanto a florzinha “fecham quando chove e abrem quando faz sol, enquanto que o guarda-chuva faz o contrário” – *“A janelinha fecha quando está chovendo, a janelinha abre se o sol está aparecendo; a florzinha fecha quando está chovendo, a florzinha abre se o sol está aparecendo; o guarda-chuva abre quando está chovendo, o guarda-chuva fecha se o sol está aparecendo”*. Neste trecho, há uma alusão ao pênis, ou seja, assim como o guarda-chuva, abre quando deixa a urina sair: “O guarda chuva abre quando está chovendo”.

Chegou a minha vez de participar do jogo. Aproveitei a temática utilizada pelo garoto e também falei de mim, onde moro, dos meus estudos na universidade e ele

ouviu com bastante interesse. Neste instante peguei o índice e optei por cantar a canção “Motorista”, utilizada para demonstrar a condução das atividades – motorista é alguém que conduz, que dirige. Vez do João, que escolhe a música “Roda Pião”; foi logo falando sobre seu pai (bombeiro), que participou de um acampamento por três dias e que veio visitá-lo há dois dias. Falou que sua irmã “É muito bonitinha”, que gosta dela, e, quando lhe perguntei se gostava muito dela, respondeu: “Só quando ela não me enche o saco!” Insistiu na canção escolhida e perguntei se a conhecia, ao que respondeu “Não, estou escolhendo as novas, diferentes, que ainda não foram cantadas no último encontro” – ele estava novamente criando seu próprio jogo, desta vez, dentro do meu jogo.

Minha vez. Me lembrei que muitas crianças pedem a canção “Alecrim” em um momento de aproximação afetiva e optei por cantá-la, já que estávamos nos aproximando e falando de nós e daqueles que estão próximos a nós. Winnicott (1984, p. 188) sugere que o terapeuta deve “permitir que a(o) paciente o use de uma maneira especial, como alguém acessível”.

Alecrim, alecrim dourado, que nasceu no campo sem ser semeado (...)  
Foi meu amor que me disse assim, que a flor do campo é o alecrim...

Vez do João. Ele falou sobre sua mãe, que ela é legal. Infelizmente não pude ouvir exatamente tudo o que dissera porque ela entrou no quarto neste instante e o garoto ficou encabulado, passando a falar em um tom de voz muito baixo – precisei me aproximar muito dele para conseguir ouvir o que dizia. Ouvi algumas poucas palavras, mas pude perceber que o garoto estava muito agradecido por ela estar dedicando seu tempo para acompanhá-lo em sua necessidade de cirurgias e internação. A canção que pediu, na sequência, foi “A linda rosa juvenil”. A canção trata de uma situação conflitante, uma história bem parecida com o conto de fadas da Bela adormecida. Entretanto, esse conteúdo não foi relevante para o menino, que apenas a escolheu pelo título, buscando homenagear a mãe.

Minha vez, e, já que ele tocou no assunto mãe, optei por falar da minha, dizendo que ela mora no Paraná e que já faz algum tempo que eu não ligo para ela. Ele entra no assunto e diz que sua mãe nasceu no Ceará. Lembrei que falamos acerca dos familiares na última vez e comentei que minha mãe viera da Áustria com a idade dele. Como estávamos falando de temas que estavam, de certa forma, relacionados com o encontro anterior, resolvi reaproveitar uma canção daquele dia, e disse que iria cantar “Seu Lobato”. Ele imitou melhor o peixinho, coisa que ele não conseguira fazer no primeiro encontro, demonstrando muita satisfação. Pedi a ele para acrescentar um animal à música e ele inseriu um leão, imitando este animal. Vez dele, que falou sobre seu pai, escolhendo a canção “Serenó”:

Sereno, eu caio, eu caio – Sereno, deixai cair  
Sereno da madrugada não deixou meu bem dormir (...)  
Minha vida, ai, ai, ai – é um barquinho, ai, ai, ai  
Navegando sem rumo e sem luz  
Quem me dera, ai, ai, ai – ter agora, ai, ai, ai  
O farol dos teus olhos azuis

O leão sugerido na canção anterior faz referências ao seu pai – bombeiro, forte, corajoso e a música expressa a falta que o garoto sente dele. Minha vez. Falei do meu pai, que este morreria de câncer na garganta porque fumou muito ao longo de sua vida. Ele lembrou de seu avô, falando que por toda a vida fumou e que não tem nada, ao que sua mãe intervém e fala “Ainda não!” Ele apenas sorriu. Sugeri que cada um escolhesse uma canção, para encerrarmos a atividade. Ele falou que gostava muito de brincar com tinta, enquanto escolhia a música “Aquarela”. Me lembrei que, no primeiro encontro, essa foi uma das canções que encerramos a atividade. Novamente deixei a folha com ele para que pudesse acompanhar o texto enquanto eu cantava. Ele colocou a folha em uma altura tal que não me foi possível observar suas reações. Minha vez, optei por escolher “Se você está contente”. Cantei e ele cantou junto, participando com as palmas, na medida do possível (estava com as mangueiras do soro presas ao braço). Não bateu o pé como sugerido na música, dada a impossibilidade, contudo, ele gargalhou gostosamente, participando do momento em que se gritava “viva” (confirmação da sensação de bem estar alcançada pela atividade proposta, pelo minimizar do medo de perda). As expressões da criança, tanto nas conversas quanto nas escolhas das canções, foram tranquilas, dando a sensação de que não se sentiu ameaçada com a presença do pesquisador e, principalmente, com a atividade proposta.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a relação da música com as emoções humanas permitiu o reforço na crença de que esta poderia atuar como instrumento de identificação e intervenção em conflitos emocionais de crianças hospitalizadas. A música atuou em duas frentes importantes: a primeira, quando favoreceu um campo positivo que facilitou a interação entre paciente, acompanhante, funcionários do hospital e pesquisador, transformando o ambiente em um local mais tranquilo. A segunda (que constituiu o objeto desta investigação), atuando como ferramenta de expressão e elaboração de sentimentos por parte da criança, que, cantando ou não, participou ativamente, sem riscos de retorno negativo do ambiente.

Ao longo desta pesquisa, delinearam-se, portanto, dois métodos para se atuar junto a pacientes em um hospital: um para identificação e outro para a intervenção em conflitos emocionais, que possam estar aumentando o sofrimento da criança. Para a identificação dos conflitos, o modelo livre é o mais indicado porque consegue

diluir os mecanismos de resistência para se descobrir o conflito presente. Já para a intervenção, o modelo direcionado permite a formação de um campo que favorece a interação paciente/pesquisador, e essa interação é o que permite à criança (paciente) refletir sobre si mesma, a entrar em contato consigo e seus conflitos.

Em suma, esta pesquisa veio esclarecer que a música pode ser um especial meio de contato e de emergência de conteúdos significativos, muito dos quais inconscientes e também possivelmente transferenciais, além de permitir expressões catárticas, ao mesmo tempo que tem uma dimensão reasseguradora, pois eventuais terríveis conteúdos são expressos como fantasia, e não como realidade, ou seja, com licença artística.

Existem muitas possibilidades para a utilização da música, esta grandiosa arte que acompanha o ser humano desde seus tempos mais remotos. Há muitas pesquisas sobre essas utilizações, entretanto, sob a perspectiva que foi empregada neste trabalho, acredita-se que seja inédita, o que propicia um novo e vasto campo para investigações. O caminho parece estar apontado, independentemente da necessidade de aperfeiçoamentos ao método.

## REFERÊNCIAS

FREGTMAN, C. D. **Corpo, música e terapia**. 10ª edição, Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

HOWARD, W. **A música e a criança**. 4ª ed. Trad. Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1984.

SAFRA, G. **Curando com histórias** – a inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança. São Paulo: Edições Sobornost, 2005.

STEVENSON, V. (Kordinator) **Die Musik** – 1000 Jahre illustrierte Musikgeschichte. Tradução para o alemão: C. Barth; H. Leuchtmann; E. Stark; M. Wöhlken. Stuttgart: Unipart-Verlag, 1979.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1965.

WINNICOTT, D. W. **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil**. Trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1984.

ZAMPRONHA, M. de L. S. **Da Música: seus usos e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artesanato 308, 309, 310, 311, 312, 317, 318, 319

Avicena 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

### B

Bem-estar 170, 171, 172, 176, 178, 182, 183, 222, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Big data 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

### C

Coleta de dados 33, 129, 146, 148, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

Competitiveness 190

Conflitos emocionais 33, 36, 37, 43

### D

Desenvolvimento sustentável 242, 243, 244

Design 57, 58, 59, 62, 241, 290, 291, 292, 298, 305, 306, 318

Didática 13, 14, 16, 19, 129, 203

Direito e Arte 230

Disposições sociais 157, 162, 163

### E

Educação do campo 261, 267, 268, 273

Ensino de ciências 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 155, 272, 273

Ensino técnico integrado 82, 94

Entrevista 4, 12, 37, 65, 71, 72, 73, 78, 86, 87, 102, 113, 197, 208, 226, 246, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Envelhecimento 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ergonomia 57, 58, 59, 62

Estética da recepção 4, 5, 52

Estrutura familiar 72, 73, 79, 117, 121

### F

Famílias homoafetivas 117, 118, 122

Felicidade 181, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307

Filosofia árabe 210

Formação do leitor 45, 46, 47, 55

Fracasso escolar 66, 67, 69, 72, 80, 86, 93, 94, 95, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 262

### G

Gêneros digitais 96, 98, 99, 101, 103, 104

Geometria espacial 146, 147, 154, 155

## H

Hanseníase 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

História de vida 249, 250, 257, 258, 259, 260, 285, 286

## L

Letramento 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Letramento digital 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

## M

Momentos pedagógicos 146, 148, 154

Motivação 54, 73, 78, 79, 89, 92, 109, 127, 177, 178, 265, 270

Música 7, 10, 18, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 124, 254, 255

## O

Observação relacional 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

## P

Plano de Conteúdo (PC) 133

Plano de Expressão (PE) 133

## R

Rejeição 221

Rendimento escolar 76, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115

## S

Superação 66, 84, 127, 128, 129, 131, 178

## T

Técnica inovadora 22, 23

Terapia Assistida por Animais (TAA) 170, 172, 184, 186, 187, 188

Tratamento intensivo 22, 23, 25, 30



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-718-5



9 788572 477185